

André Crim Valente (UERJ)

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. 3. ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003, 184 p.

O livro de Claudio Cezar Henriques, em edição revista e ampliada, deve ser saudado por todos que consideram imprescindível o domínio da sintaxe no estudo da nossa língua. Entendo que a sintaxe não é um fim em si mesmo, mas um meio para se chegar a um fim, aliás, dois: ler melhor e escrever melhor. Aumenta a minha convicção de que o usuário da língua, que domina as estruturas sintáticas, invariavelmente se torna leitor proficiente e competente produtor de textos.

Aquele que domina a sintaxe de sua língua escreve com mais segurança e chega à fruição na leitura de obras machadianas ou cabralinas. Sintaxe vem do grego *syntaxis*, pelo latim *syntaxe*, e significa, segundo Aurélio B. de Holanda, “ordem”, “disposição”. Sintaxe é, sobretudo, “arranjo”, “colocação” de palavras e as diversas relações daí decorrentes. Quem a conhece bem pode saborear os torneos sintáticos de João Cabral em *Tecendo a manhã*:

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
Ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
E o lance a outro; de um outro galo  
Que apanhe o grito que um galo antes

E o lance a outro; e de outros galos  
Que com muitos outros galos se cruzem  
Os fios de sol de seus gritos de galo,  
Para que amanhã, desde uma teia tênue  
Se vá tecendo, entre todos os galos.

Os versos cabralinos confirmam a tese de que só subverte quem conhece o existente até então. A obra de Claudio Cezar Henriques a reforça mostrando que é fundamental estudar a sintaxe de uma língua, conhecer suas estruturas, até para poder, mais adiante, negá-las ou recriá-las. Para tanto, o autor divide seu trabalho em três partes: morfossintaxe, sintaxe portuguesa e apêndice.

Na 1ª, convida-nos a uma reflexão sobre a integração entre morfologia e sintaxe, sobre os vínculos entre classes e funções. Na 2ª, a parte mais relevante, repassa, com um enfoque lingüístico-gramatical, os termos da oração e a estrutura do período. Na 3ª, apresenta e comenta questões do Exame Nacional de Cursos, na área de Letras.

O autor de *Sintaxe Portuguesa* esmerou-se nos comentários didáticos e nas apreciações estilísticas presentes nas duas primeiras partes da obra. Merecem destaque, ainda, as notas de rodapé que enriquecem as análises com remissões a estudos de outros lingüistas, sintaticistas e estilólogos, como Matoso Câmara Jr., Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Maria Helena Moura Neves, José Oiticica, Said Ali e José Carlos Azeredo, entre outros. A bibliografia contempla o binômio tradição/modernidade ao combinar autores clássicos, como Mário Barreto, com contemporâneos, como Ingedore Villaça Koch.

Preocupado com as recentes e injustas críticas ao ensino de gramática, o autor estruturou seu livro de modo a atender não só a estudiosos da língua, mas também a estudantes de níveis distintos de ensino. Buscou, então, aliar a prática à teoria e formulou exercícios que contribuem para o aprendizado da sintaxe. A isso se soma um estilo claro e elegante, o que torna bastante agradável a leitura do livro.

Cabe, também, destacar a adequada colocação de conteúdos como “concordância” e “regência”: não constituem compartimentos estanques como na maior parte dos compêndios gramaticais. O autor os insere nos estudos sobre sujeito e complementos, respectivamente. Ilustra-os com exemplos ricos e variados, recurso utilizado em toda a obra. A exemplificação vai de Eça de Queirós (“Era o amigo do chapéu de palha; abriu grandes braços pasmados”) a versos

de Noel Rosa (“Por que bebes tanto assim, rapaz? Chega, já é demais”) ou a uma manchete jornalística, em *O Estado de S. Paulo* (“Grandes espanhóis buscam recuperação”), passando por uma regência clássica do verbo “esquecer” (“Esqueceu-me o seu aniversário”). O último trecho remete-nos a Machado de Assis, em cuja obra se encontram passagens com tal regência: “Nunca me esqueceu o caso deste barbeiro...” (*Dom Casmurro*).

Estudar sintaxe significa muito mais do que decorar termos ou estabelecer distinções terminológicas. A apropriação de conceitos sintáticos e o reconhecimento dos segmentos frásicos ou textuais permitem-nos explorar as construções discursivas: ajudam-nos a compreender o funcionamento do sistema lingüístico, da língua em uso. Quem tem o privilégio de saber identificar os recursos sintáticos percebe, por exemplo, a intenção de Fernando Pessoa, ao romper com a norma gramatical nos versos de *Ficções do Interlúdio* (Odes de Ricardo Reis):

Frutos, dão-os as árvores que vivem,  
Não a iludida mente, que só se orna  
Das flores lívidas  
Do íntimo abismo.

Pessoa não obedeceu à regra gramatical na forma “dão-os” porque, se o fizesse (“dão-nos”), a passagem ficaria ambígua: “nos” como objeto direto pleonástico (= eles, os frutos) ou como objeto indireto (= a nós)? A inobservância da norma inviabilizou a segunda leitura. Aqui, o desvio teve clara intenção estilística.

Na sua *Sintaxe Portuguesa*, Claudio Cezar Henriques também conversa sobre essas questões. São conversas de quem gosta de sintaxe, da língua portuguesa, das literaturas brasileira e portuguesa. O autor contribui, decisivamente, para o aprendizado da sintaxe e a sua livre aplicação – normas e desvios –, o que nos faz lembrar as sábias palavras de Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*:

Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social; mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer.